

Grande Sertão: Brasil

Adelto Gonçalves

Do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, em algum lugar, ficou registrado o seu pensamento de que (dos conciliábulos que redundariam na fracassada conjuração mineira de 1789) faria uma meada que nem em cem anos seria possível desenredar. Sua meada já ultrapassou dois séculos e parece longe de ter sido não só desenrolada como compreendida pelo menos por alguns articulistas de hoje, que, inconformados com a extorsão tributária promovida pelo governo a empresas e pessoas físicas, insistem em atribuir à anunciada derrama a razão da conspiração mineira, quando o que motivou o movimento foi a situação crítica em que estavam alguns arrematantes dos contratos de entradas, que haviam arrecadado impostos sem repassá-los para a Coroa, enfiando o produto da arrecadação nas próprias algibeiras.

Queriam se ver livres do governo de Lisboa, é verdade, mas, principalmente, porque, com isso, livravam-se das dívidas. A derrama, que, de fato, era um achaque tributário, na verdade, só funcionaria como senha, pois os cabeças da conspiração pretendiam aproveitar a insatisfação da arraia-miúda para deflagrar um movimento que beneficiaria principalmente grossos devedores, gente que podia muito bem ser comparada aos banqueiros dos dias atuais.

Não é só na História do Brasil que há meadas à espera de quem se dedique a desenrolá-las. Na Literatura também. Ainda agora acaba de chegar às livrarias o livro *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, do professor Willi Bolle, que abre novas perspectivas para a interpretação de *Grande Sertão: Veredas*, romance de João Guimarães Rosa (1908-1957) publicado em 1956. Ao partir da idéia de que o livro de Guimarães Rosa ganha em complexidade quando lido como uma reescrita crítica de *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909), Bolle defende que ambas as obras “são discursos de narradores-réus-e-testemunhas diante de um tribunal em que se julgam momentos decisivos da história brasileira”.

Nascido em 1944 perto de Berlim, Willi Bolle é desde 1977 professor de Literatura Alemã na Universidade de São Paulo, onde defendeu tese de livre-docência sobre Walter Benjamin (1892-1940) e a cultura da República de Weimar. Já publicou, entre outros, *Fórmula e fábula: teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães*

Rosa (1973) e *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin* (1994). Para escrever *Grandesertão.br*, fez várias viagens ao norte de Minas Gerais, onde começa o sertão, cujo eixo é o rio São Francisco com seus afluentes, o coração do Brasil.

Em seu estudo, o professor mapeia toda a rede de relações existentes entre *Grande Sertão: Veredas* e os principais ensaios de interpretação do Brasil, desde a obra euclidiana até os estudos fundamentais de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Raymundo Faoro, Antonio Candido, Celso Furtado, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, que considera *ensaios de formação*.

Ao comparar *Grande Sertão: Veredas* com os ensaios sociológicos e historiográficos daqueles autores, Bolle chega à conclusão de que a obra rosiana é um romance de formação (*Bildungsroman*), não no sentido convencional em que costuma ser entendido, ou seja, um gênero centrado no indivíduo, em oposição ao “romance social”, mas no sentido de que o autor, por meio da invenção da linguagem, propõe-se a pensar o país.

É o que sugere Bolle: ler *Grande Sertão: Veredas* como um “romance de formação” do Brasil, um retrato sem retoques do país, mas também um romance da formação do indivíduo dentro de um projeto mais arrojado: “a construção de uma cultura coletiva, incorporando as dimensões políticas de esfera pública, da cidadania e dos conflitos sociais”.

Para Bolle, aspectos centrais do romance, como a narração labiríntica e em forma de rede, o sistema de jagunçagem e, sobretudo, o pacto de Riobaldo com o diabo podem ser lidos sob uma nova luz. Sua tese principal, porém, é que o romance de Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes subalternas, o que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país.

Segundo o professor, o pseudodiálogo entre o narrador sertanejo, Riobaldo, ex-jagunço e, agora, latifundiário, e o interlocutor letrado, um “doutor” da cidade, mas que pode ser também o diabo em pessoa — na verdade, um extenso monólogo, já que a outra parte não intervém —, é uma encenação irônica, com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais. “O descaso dos donos do poder para com o povo humilde, em que

pesam quatro séculos de escravidão, representa um imenso atraso para a emancipação efetiva do país”, diz o crítico.

É claro que há muitas diferenças entre *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*, até porque, como diz Bolle, o olhar de Rosa é o exato oposto das vistas euclidianas do alto: é uma visão rasteira. Ou seja: enquanto o ensaísta-engenheiro sobrevoa o sertão como num aeroplano, o romancista-diplomata caminha por ele por uma estrada-texto, compara Bolle, recorrendo a uma imagem de pensamento de Walter Benjamin.

Sem se preocupar com anacronismos, Bolle considera Rosa um precursor da Internet, que intuiu as revolucionárias tecnologias da informação, pois construiu o seu romance em forma de rede, tornando-o um labirinto em que uma imagem ou frase pode constituir um *link* para outra cena ou página, desdobrando-se quase ao infinito. Daí, o título *Grandesertão.br*, que procura aproximar o romance da nova linguagem representada pela rede mundial de computadores, um hipertexto que configura uma “narração-em-forma-de-rede”.

Para Bolle, Rosa, ao contrário de Euclides da Cunha, trata o povo não como um objeto de estudo e de teorias, mas como sujeito capaz de inventar e narrar sua própria história. Nascido a partir de um manancial de estórias que Rosa recolheu da boca do povo sertanejo, *Grande Sertão: Veredas* é o romance do “fazendeiro endemoninhado” Riobaldo que, apesar de ter crescido muito materialmente, assumindo-se como um dos donos do poder, “não faz senão confirmar a sua origem, na medida em que incorpora uma multidão de estórias paralelas em forma de casos, expressando assim uma concepção multifocal e polifônica da História”, como diz Bolle, sem esconder que se baseia nas teorias do crítico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975).

Como observa o autor, o regime vigente no sertão de Guimarães Rosa é o da sociedade patriarcal, ainda muito forte no Brasil tanto no campo como mesmo nas grandes cidades, caracterizada pelo pleno poder do grande proprietário ou grande potentado sobre os seus agregados, cuja condição oscila entre “homens livres” e servos. Os símbolos dessa ordem são as casas-grandes, diz Bolle, esquecendo-se talvez de que nas grandes cidades os símbolos são as fortalezas em que se escondem os grandes deliçquentes de colarinho branco que sabem como arrombar os cofres públicos sem deixar vestígios ou os grandes traficantes de drogas.

A rigor, o mundo retratado por Guimarães Rosa ainda está longe de ser extinto. Diz Bolle que, para os homens de armas do sertão, o prestígio de um latifundiário, chefe de jagunços, é proporcional ao número de pessoas que ele matou (ou mandou matar). A lei natural, a lei da violência, é, como observa Riobaldo, a lei que rege aquela sociedade.

Aquela? Não por acaso volta e meia os meios de comunicação “descobrem” entre políticos brasileiros, alguns com assento até no Congresso, quem ainda pratica o trabalho escravo em suas propriedades rurais. Mas é só quando esse político contraria eventuais donos do governo que, às vezes, alguém “vaza” informações a seu respeito para a imprensa.

Então, a população letrada — aquela que ainda lê jornais e revistas — descobre que o Brasil do século 21 ou o de Guimarães Rosa, com exceção de algumas circunstâncias, ainda é o mesmo que Euclides da Cunha viu em Canudos e retratou n’*Os Sertões*. Se calhar, ainda é o mesmo que, em 1789, viu o alferes Tiradentes pagar com a vida por uma conspiração urdida por poderosos que, para se verem livres de dívidas, não hesitaram em mascarar seus interesses particulares por trás dos ideais de liberdade dos mazombos. Como se vê, o povo brasileiro já era enganado antes de o Brasil existir como nação.

Que Guimarães Rosa fez de *Grande Sertão: Veredas* um microcosmo de um Brasil que insiste em não morrer, não foi Bolle o primeiro a descobrir. Mas que sua interpretação é uma das mais ousadas que surgiram nos últimos anos, não há dúvida. A partir da revolucionária leitura feita por Bolle, muitos outros estudos deverão aparecer, pois o enigma de *Grande Sertão: Veredas* ainda está longe de decifrado. É mais uma meada a desafiar o tempo.

GRANDESERTÃO.BR, de Willi Bolle. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 480 págs., R\$ 44,00. E-mail: imprensa@editora34.com.br

Adelto Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: adelto@unisanta.br